

# O tempo presente no ensino de História:

uma experiência de produção audiovisual em EAD

Por Valéria Maria Santana Oliveira<sup>1</sup>

Durante o planejamento da disciplina de História Contemporânea, que tem como um de seus principais temas a Segunda Guerra Mundial, surgiu a ideia de produzir um documentário sobre o assunto. Considerando as especificidades do ensino a distância, é fundamental fazer uso de metodologias que aproximem o aluno dos conteúdos das aulas, tornando-as, assim, mais atrativas.

O modelo de EAD adotado pela UNIT tem como um de seus pilares as aulas transmitidas via satélite, nas quais o docente ministra suas aulas num estúdio de transmissão e é assistido em tempo real pelos alunos que se encontram nos polos de apoio presencial. Esses polos são localizados em diversos municípios do interior do estado de Sergipe e na capital de Alagoas, trazendo a possibilidade de interagir com o professor e tirar dúvidas durante a aula por meio de uma ferramenta chamada IPTV.

Assim sendo, neste modelo de EAD o docente precisa desenvolver competências de uma nova linguagem para se adequar às características da mídia utilizada nas aulas via satélite, ou seja, o vídeo. Entrar em contato com a linguagem audiovisual, seja qual for o suporte utilizado, faz emergir sentimentos, emoções e propõe um tipo de interação. É quase impossível ficar indiferente a essa linguagem.

Vivemos em meio a narrativas audiovisuais, sobretudo as do cinema, da televisão e, mais recentemente, as do computador. Assim sendo, a aula via satélite exige uma formação continuada e adequada para que o docente aprenda a ensinar a partir da reflexão-na-ação, utilizando estratégias didáticas adequadas à linguagem desse ambiente diferenciado (CRUZ, 2008).

O vídeo estimula todos os sentidos, principalmente a visão e a audição. Tanto os meios (TV, rádio, jornal, Internet) quanto os materiais educativos (materiais em áudio, audiovisual, escritos) utilizados em Educação a Distância são mais do que simples recursos tecnológicos; constituem, antes de tudo, veículos de linguagens e, como tal, devem ser considerados por suas possibilidades de comunicação educativa.

Essa diferenciação é importante para entender como os meios são utilizados por instituições de ensino e pelos professores, caracterizando distintas concepções e perspectivas – ou paradigmas – traduzidas em valores e objetivos

<sup>1</sup> Professora da Universidade Tiradentes Doutoranda em Educação pela mesma instituição. Contato: profa.valeriaoliveira@gmail.com.

educacionais (PONTES & SOUSA, 2009).

No caso aqui exposto, o estúdio de transmissão é a nova sala de aula do professor. E para facilitar a adaptação do docente a essa nova realidade, os estúdios contam com uma série de dispositivos tecnológicos que ficam à disposição do professor. O objetivo é facilitar a compreensão do aluno em relação ao assunto que está sendo ministrado, bem como tornar a aula mais dinâmica e interativa.

Quanto ao material elaborado para a disciplina de História Contemporânea, enquadrámos o trabalho de acordo com a classificação apresentada por Silva (2008) como um documentário de modelo expositivo, ou seja, um tipo de documentário clássico, cuja estrutura narrativa é constituída de um comentário em *off*, edição de imagens para ilustrar o comentário, entrevistas e letreiros. No entanto, definir documentário não é algo simples, uma vez que se trata de um gênero de longa tradição na história do cinema.

Cristiane Nova (1996) chama a atenção para aspectos importantes a serem considerados pelo professor ao optar pela utilização de documentários no ensino de História:

Os documentários, não obstante a sua aparente objetividade, também são representações sobre o passado e como tais devem ser tratados. A seleção do tema, dos fatos abordados, das imagens e o seu encadeamento, a música utilizada, o conteúdo do texto narrado e a sua inserção, tudo isso faz parte do universo de subjetividade presente no filme, que deve ser abordado à luz da relação passado-presente (NOVA, 1996, p. 9).

Ou seja, as imagens e demais elementos que compõem o documentário são pensados e planejados tanto quanto qualquer outra obra audiovisual, cabendo aos idealizadores terem cuidado quanto às escolhas que são feitas na elaboração do mesmo.

Estamos em pleno século XXI, era da imagem e da comunicação. Temos acesso a uma carga de informações nunca antes imaginada numa velocidade ainda hoje difícil de acreditar. No entanto, apesar da fartura de possibilidades e alternativas de aproveitamento desses recursos na escola e na universidade, observamos que, de uma forma geral, as tecnologias ainda são subutilizadas na educação.

Ora vistos como “mocinhos”, ora como “bandidos”, recursos como a fotografia, o computador e a música ainda são pouco explorados pelos professores. Outro exemplo é o cinema, e é sobre ele e sua contribuição para o ensino que queremos discutir aqui.

O cinema hoje está presente em nossas vidas de uma forma cada vez mais efetiva. Na sala de aula, os filmes chegam pelo vídeo. No passado, tínhamos as fitas VHS, hoje temos os DVDs (Digital Video Discs) e os discos Blu-ray. Seja qual for o suporte tecnológico, o cinema está presente no nosso cotidiano de forma irreversível, ins-

tingando nossos sentidos e agindo do sensorial ao racional.

Todos os filmes, sejam obras de ficção ou documentários, utilizam a combinação da linguagem verbal e da não verbal. Temos falas e textos, mas também a trilha musical, os efeitos sonoros, os cenários, as cores, enfim, toda a composição da obra que nos afeta de alguma forma e transmite uma mensagem. Traz para perto realidades por vezes distantes demais ou ajuda a refletir sobre outras muito próximas.

Assim sendo, buscamos fazer uso dessas vantagens que a narrativa audiovisual proporciona em nossas aulas da Educação a Distância. Para dar conta do uso dessas tecnologias na elaboração do documentário, uma equipe foi formada. Somou-se ao projeto Luiz Antônio Pinto Cruz, professor, mestre e doutorando em História. O referido professor pesquisa desde sua graduação sobre os torpedeamentos de navios mercantes por submarinos alemães na costa brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Configurou-se, portanto, em um parceiro fundamental para a viabilização do material.

O primeiro passo foi planejar junto à assessoria de produção audiovisual do NEAD o roteiro que seria seguido. Optamos por realizar um documentário que fizesse uso de depoimentos de pessoas que vivenciaram as mudanças no cotidiano de Aracaju durante os torpedeamentos que ocorreram na costa de Sergipe.

A II Guerra Mundial passou a ter um significado para Sergipe (e demais estados vizinhos) a partir da chegada da notícia dos torpedeamentos dos navios brasileiros, ocorridos em dois momentos — 1942 e 1943. Como a população reagiu aos torpedeamentos? Quais as alterações no cotidiano durante a Segunda Guerra Mundial? O que foram os “Malafogados”? Esses aspectos e muitos outros foram abordados no documentário para ampliar os conhecimentos dos alunos acerca de um dos episódios mais emblemáticos da nossa História Contemporânea.

Selecionamos depoentes que já haviam sido anteriormente entrevistados pelo professor Luiz Antônio durante sua pesquisa de mestrado por eles já terem, por conta disso, contatos estabelecidos e uma relação de confiança com o professor. Em sua pesquisa, ele utilizou a técnica da História Oral, tendo, portanto, familiaridade com a aplicação de entrevistas.

Definidos os entrevistados, pensamos nas locações onde ocorreriam as gravações. Optamos por gravar preferencialmente nos locais onde os depoentes residiam, especialmente pelo fato de serem de idade avançada. Depois dos contatos feitos pela produtora da equipe, foram confirmadas as participações de três depoentes: Dona Salvelina, filha do faroleiro que atuava em Aracaju e que ajudou a resgatar diversos náufragos na praia de Atalaia; Sr. Pedro Siqueira, morador da cidade de Estância, local onde muitos

corpos foram encontrados; e, por fim, Sr. Vidigal, morador da praia do Abaís, que também presenciou diversos fatos referentes aos torpedeamentos.

As entrevistas foram intercaladas por imagens veiculadas na imprensa nacional na época dos fatos. Além disso, foram gravados áudios que foram introduzidos durante o documentário, entre as entrevistas — como, por exemplo, a declaração do estado de beligerância, decretada pelo presidente Getúlio Vargas; o apelo do presidente para que os brasileiros colaborassem com as forças militares que atuavam na guerra; e textos em que o presidente Vargas justificava a inserção do Brasil no conflito.

Em meio às pesquisas para reunir o material a ser utilizado na composição do documentário, tivemos conhecimento de que um antigo aluno do professor Luiz Antônio, integrante de uma banda de rock chamada Sauna, havia composto uma música sobre o tema. Entrando em contato com o mesmo, obtivemos a autorização para utilizar a referida música como trilha sonora do documentário, o que muito enriqueceu o material, além de divulgar um talento local. Segue a letra da música, intitulada “Submarino”:

Sinto cheiro de medo e um pesadelo quer me ouvir  
A guerra no mundo só que o mundo é bem aqui  
Um olho que cega quer nos enxergar  
Mas o centro da terra está pro lado de lá

Tragam as trevas à cidade em paz  
Pois o céu pode estar a te esperar no fundo do mar (2x)

Subterfúgio, subsídio, subtração, subsequente  
Subversão, subtenente... oh, no! Submarino!

Tragam as trevas à cidade em paz  
Pois o céu pode estar a te esperar no fundo do mar (2x)  
Oh, marinheiro, oh marinheiro, quem te ensinou a nadar?  
Foi o tomo do navio, ou foi o balanço do mar? (2x)

Mesclando imagens, música e entrevistas, gradativamente o material foi tomando forma. Na busca de dar conta da subjetividade que envolve os depoimentos, optamos por agrupar as falas por temas, posto que as impressões e lembranças dos entrevistados eram diversas, mesmo tratando-se da mesma temática geral. Essa foi apenas uma dentre as várias escolhas que foram necessárias durante a edição das imagens. Não podemos perder de vista que o objetivo central deste trabalho era seu uso nas aulas de História e, para tanto, precisava ser o mais didático possível. A esse respeito, Napolitano (2004) nos esclarece:

O documentário, mesmo o mais didático e voltado para o público escolar, é um gênero de filme que implica um conjunto de regras de linguagem para a elaboração do roteiro, técnicas de filmagens, princípios de montagem e edição, ou seja, implica um conjunto de escolhas

dos profissionais envolvidos na sua realização (até porque seria impossível uma abordagem totalitária e unívoca de um problema social ou fenômeno natural). Portanto, o professor deve saber reconhecer essas escolhas por meio do próprio produto final e apontar controvérsias, interpretações diferentes, problemas não aprofundados, enfim, todas as questões que o documentário em questão não abordou (NAPOLITANO, 2004, p. 31).

As falas dos entrevistados foram organizadas de acordo com os seguintes temas: lembranças sobre as mudanças no cotidiano das pessoas durante a guerra e personalidades da época relacionadas ao torpedeamento. Também foram questionados sobre o que imaginavam sobre o conflito e as causas dos bombardeios.

Vieram à tona falas como as que destacamos a seguir, nas quais se percebe claramente o quanto a memória dos torpedeamentos ainda é viva para os moradores de diversas localidades no estado:

“Muitos cadáveres... alguns até eram sepultados na praia, porque não tinha como chegar no cemitério nem levar pra lugar nenhum, não.” (Sr. Vidigal de Oliveira Lima)

“A situação era: mortos na praia toda... mortos e caixotes, caixotes de louça, caixotes de mantimentos que o mar trazia e dava tudo na praia, né?” (D. Salvelina Santos de Moraes)

Percebemos que a utilização de depoimentos orais é extremamente rica por possuir atributos únicos, fornecendo informações que outros tipos de documentos não seriam capazes de transmitir. Samuel (1990) explica melhor:

Há verdades que são gravadas nas memórias das pessoas mais velhas e em mais nenhum lugar; eventos do passado que só eles podem explicar-nos, vistas sumidas que só eles podem lembrar. Documentos não podem responder; nem, depois de um certo ponto, eles podem ser instigados a esclarecer, em maiores detalhes, o que querem dizer, dar mais exemplos, levar em conta exceções, ou explicar discrepâncias aparentes na documentação que sobrevive (SAMUEL, 1990, p. 230).

Samuel (1990) também destaca que o uso de entrevistas dá identidade a indivíduos que normalmente permaneceriam anônimos na história e que provavelmente não deixariam nenhum relato escrito de suas vidas. É neste sentido que, na seleção dos possíveis entrevistados, optamos por indivíduos que pudessem fornecer informações sobre os fatos sob diversos ângulos, não apenas sob o ponto de vista de lideranças e autoridades, embora estes também tenham contribuído sobremaneira para nossa pesquisa. Essa prática propicia leituras e releituras do passado que só tem a enriquecer a análise dos fatos.

A opção pelo uso de entrevistas nos proporcionou registrar a contribuição desses depoentes no registro de um capítulo tão relevante na história de Sergipe e — por que não dizer? — do Brasil. Segundo Samuel (1990):

Entrevistas e reminiscências podem também capacitar o historiador e dar identidade e caráter às pessoas que, normalmente, permaneceriam como meros nomes numa lista de rua ou registro paroquial, e restaurar algo da importância original daqueles que não deixaram nenhum relato escrito de suas vidas (SAMUEL, 1990, p. 233).

Com este trabalho, três aspectos importantes referentes ao ensino de História foram evidenciados: a importância do uso de materiais audiovisuais, o empenho para registrar a memória e a busca de proporcionar aos alunos o conhecimento de fatos históricos sob uma perspectiva da história local para melhor entender a história mundial.

Quanto ao primeiro aspecto anteriormente mencionado, sabemos que, no ensino de História, mais especificamente na modalidade EAD, faz-se de grande relevância variar a abordagem dos temas por meio de linguagens de comunicação, de formas e de estratégias, mas principalmente contextualizá-las no ambiente do aluno, em situações concretas nas quais as teorias e as práticas possam se articular. Em suma, é necessário promover aos estudantes a oportunidade de conhecer a História para além dos livros didáticos. Dessa forma, percebemos que o uso de materiais audiovisuais nas aulas de História transmitidas via satélite tem atingido esse objetivo, aumentando o interesse dos alunos e, conseqüentemente, seu aproveitamento.

O objetivo que inicialmente se restringia à produção de material para as aulas de História ampliou-se, pois vimos neste trabalho a oportunidade de registrar falas de pessoas cujas memórias são valiosas para a compreensão dos fatos abordados no documentário. Assim sendo, acreditamos ter contribuído para que seus depoimentos não se percam, pois estão agora registrados em áudio e em vídeo.

Além disso, este documentário tem sido utilizado não somente nas aulas via satélite, mas também nos momentos presenciais que os alunos participam uma vez por semana, antes ou depois da transmissão da aula, nos polos de apoio presencial. Esses momentos são chamados de encontros de tutoria, situações em que os alunos desenvolvem, com a orientação de um professor tutor, atividades elaboradas pelo professor da disciplina.

Como terceiro aspecto decorrente da produção desse documentário, destacamos o conhecimento de fatos históricos sob uma perspectiva da história local para proporcionar aos alunos um maior entendimento da história mundial. Quanto a isso, especificamente, foi marcante durante a exibição do material para os alunos a surpresa deles em entender que os fatos ocorridos em Sergipe tiveram reper-

cussão em nível nacional, pois contribuíram para a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, é emblemática a fala do professor Luiz Antonio durante o documentário:

“Quando se fala de Segunda Guerra Mundial, normalmente a gente aprende sobre ela uma realidade lá distante, os filmes, revistas, desenhos... quando falam da Segunda Guerra Mundial parece que ocorreu lá na Europa, e a gente aprende muita coisa sobre Pearl Harbor, invasão a Normandia, mas... a história dos torpedeamentos, a ação de submarinos na Bahia, Alagoas, enfim... na costa brasileira, não é tão abordada.”

Dessa forma, nossos alunos têm compreendido que a História Local também tem sua importância — e que muitas vezes conhecemos mais sobre fatos ocorridos na Europa do que sobre fatos ocorridos no próprio estado em que residimos.

## Referências Bibliográficas

CRUZ, Dulce Márcia. A construção do professor midiático: o docente comunicador na educação a distância por videoconferência. *Cadernos de Educação*. Pelotas, p. 201 – 214, jan./jun. 2008.

NAPOLITANO, Marcos. Fontes audiovisuais: a história depois do papel. In.: PINSKY, Carla Bassaneri. (org.) *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2004.

NOVA, Cristiane. O cinema e o conhecimento da História. In.: *O olho da História*. n. 3. dez./1996.

PONTES, Elisio B.; SOUSA, Carlos Alberto L. de.; COUTINHO, Laura Maria. Linguagem audiovisual e Educação a Distância. In.: SOUZA, Amarila M. de; FIORENTINI, Leda Maria R.; RODRIGUES, Maria Alexandra M. de. (orgs.) *Educação Superior a Distância: Comunidade de Trabalho e Aprendizagem em Rede* (CTAR). Brasília: UnB, Faculdade de Educação, 2009.

SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.9, n.19, p. 219-243, set. 1989/fev. 1990.

SILVA, Sávio Tarso P. da. História, documentário e exclusão social. In.: NÓVOA, Jorge; BARROS, José

D'Assunção. **Cinema-história**: teoria e representações sociais no cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008.